

Comentários

Érico Andrade,¹ Recife

Alguma esperança para os vaga-lumes

A reflexão sobre o fascismo é urgente. E essa urgência diz menos do caráter inédito desse fenômeno político na história humana do que da sua reincidência. Trata-se, a palavra sabemos, de repetição. Na política, a repetição é sintoma de que algo não foi sanado ou não conheceu seu destino adequado. Assim, o artigo “Alguma esperança para os vaga-lumes” é uma tentativa, ao evocar a obra de Pasolini, de mostrar não apenas a repetição do fascismo, mas, como acontece com tudo aquilo que transcorre no horizonte do tempo, as suas novas configurações enquanto fenômeno político. Encarnado na atuação política de várias pessoas.

O fascismo no mundo contemporâneo não pode ser considerado, e neste ponto o artigo de Silvana Rea é preciso, como um fenômeno do capitalismo. Não há como pensar nos desdobramentos do fascismo sem levar em conta a forma com a qual ele se organiza no contexto de uma sociedade marcada pela disputa individual e por um extremo e agudo individualismo. O fascismo, que originalmente se caracteriza pela junção de pessoas na conformidade de um feixe de varas, é configurado de um modo muito próprio no mundo contemporâneo. Para dar conta dessa nova forma do fascismo, é preciso caminhar com um leque extenso de pensadores e pensadoras. É nesse sentido que o artigo de Silvana Rea se põe a tarefa, que não é fácil, aliás, de percorrer um enorme caleidoscópio de reflexões que aglutinam autores e autoras de diferentes espectros de posições filosóficas e psicanalíticas.

É nessa perspectiva que uma nova gramática social é mobilizada por Silvana Rea, para explicar o que há de novo na repetição do fascismo. Por gramática, entendo o repertório conceitual e de teses com o qual se pode produzir uma teoria crítica social. Sem essa gramática, não é possível oferecer um mapa razoavelmente preciso de como as sociedades se organizam em alguns

1 Filósofo, psicanalista, pesquisador do CNPP e professor da Universidade Federal de Pernambuco.

momentos históricos de modo profundamente autoritário. Compreender os regimes de crença autoritários talvez seja uma das principais metas das teorias sociais, e isso ficou patente na construção da teoria crítica, que recuperou a psicanálise para entender de modo mais acurado aquilo que foi chamado de “personalidade autoritária” por Adorno.

O artigo de Silvana Rea, não obstante, navega por um mar de referências repleto de autores contemporâneos tanto de nosso país quanto do estrangeiro. Não apenas autores, mas conceitos contemporâneos oferecem a direção e os contornos que enquadram a discussão do fascismo a partir da imagem produzida por Pasolini. Alguns conceitos não poderiam deixar de estar presentes. E eles de fato estão. Conceitos como neoliberalismo e necropolítica, e autores contemporâneos como Bauman, Caligaris, Mbembe, Zuboff, Dardot e Laval estão ali para dar conta daquilo que não é apenas repetição do fascismo, denunciado com agudeza por Pasolini, e também indicam as ferramentas e dispositivos de atualização do fascismo. Mostrando a forma de o fascismo renovar-se e manter-se vivo no seio do contemporâneo como uma das forças políticas mais influentes na política.

Uma das formas de atualização do fascismo tem relação direta com as próprias atualizações do capitalismo. Isto é, a própria mudança do capitalismo, no que diz respeito a seu aspecto ideológico, é o terreno em que o fascismo ganhará seus contornos. Em certo sentido, e este é um ponto relevante no debate, o fascismo é uma expressão do capitalismo. O artigo de Rea vai na direção de compreender que entender o fascismo é entender a própria forma pela qual o capitalismo se organiza. Uma crítica do fascismo é também uma crítica ao capitalismo.

Por isso o artigo mostra que, com as mudanças operadas no capitalismo, há também uma mudança na concepção de modernidade na qual se enseja o fascismo. Nesse sentido, o capitalismo reorganiza as formas de trabalho com aquilo que poderíamos chamar de ideologia do empreendedorismo, especificamente, do empreendedorismo de si mesmo. Ainda que sem os meios de produção, todas as pessoas sentem-se empreendedoras. Em meu livro *Sobre losers* mostrei como um dos trunfos do capitalismo consiste justamente em manter o ideal do ego vivo (o desejo de sucesso, a vontade de controle e riqueza, a vontade de vencer e ser o primeiro em qualquer que seja a competição) na forma ideológica do empreendedorismo de si, ao passo que atribui aos indivíduos a culpa por seu fracasso diante do ideal do ego.

O meu ponto é que, de todas as privatizações levadas a efeito pelo capitalismo, a mais bem-sucedida foi quando ele lançou mão da privatização da culpa na figura dos *losers*. Em vez de criticar o sistema ou mesmo ponderar que ele é o responsável direto pela exclusão social, os indivíduos são compelidos, por todo o aparelho ideológico do capital, a se porem no lugar melancólico da desistência. Foi falta de esforço, foi um caminho equivocado, foi uma falta de empenho o que levou uma pessoa ao fracasso, nunca o sistema foi responsável por demitir indivíduos para salvar a renda e a propriedade de algumas poucas pessoas.

O empreendedorismo só conhece seu sucesso quando consegue culpabilizar as pessoas que não atingem o êxito, para assim manter o ideal de empreender como norma social de comportamento. Não se trata propriamente do sucesso, mas de como se organiza o fracasso para que ele seja transposto para o âmbito pessoal. Cabe apenas ao indivíduo o peso do seu fracasso. Para manter o empreendedorismo como forma ideológica, é necessária uma promessa de gozo intenso com o advento do sucesso. O gozo como um fantasma, dado que praticamente ninguém consegue sucesso, mas que tem a força de seduzir as pessoas para a busca do sucesso.

Aqui, o texto de Rea é farto em discussão sobre o papel do narcisismo na construção de uma sociedade do desempenho. Afinal, como se mantém em pé a promessa de algo a que poucas pessoas podem ter acesso? É um investimento não no sucesso propriamente, mas na promessa de que ele é possível. Ainda que seja quase como um bilhete sorteado na loteria, mantém-se forte, do ponto de vista psíquico. O desejo por realizar parece que se basta na fantasia e experiência da promessa. Ou seja, importa menos uma probabilidade de conquista do sucesso do que a simples fantasia de viver a sua promessa. Estamos falando, portanto, de um regime afetivo, considerando que a exequibilidade do sucesso é ínfima, na mesma proporção que ele é desejado maximamente.

As novas formas de gozo, narcisismo, vão ser constitutivas de uma sociedade do “desempenho”, em que tudo parece reduzir-se a bater metas e ter boas avaliações. Isso é feito à custa daquilo que a autora chama de “genocídio cultural” (o que, na linguagem da pensadora Sueli Carneiro, consistiria em um epistemicídio, porque envolve a anulação de saberes por meio de uma ação, deliberada ou não, do poder hegemônico) e também pela morte do sujeito que se encontra enredado numa cadeia produtiva e sem nexos.

Esse epistemicídio ou “genocídio cultural” ocorre pela uniformização da vida cultural que o capitalismo promove de modo sistemático e contínuo. Com o capitalismo, especialmente na feição ideológica do fascismo, a massificação da cultura é feita pela apologia daquilo que revela de certa compreensão da pátria, da nacionalidade e do que se considera modelo de família. O autoritarismo tem como um de seus principais traços a incapacidade de produção de uma cultura diversa e destina o narcisismo apenas para a afirmação daquilo que espelha valores contrários às posições contra-hegemônicas do capital.

O genocídio cultural e o epistemicídio são centrais na produção da cultura fascista, porque a afirmação de apenas um conjunto de valores, arbitrariamente tomados como aquilo que diz respeito à essência de um povo, é sempre a exclusão de outras culturas, outras formas de pensar e existir. O que o fascismo arroga para si como único símbolo possível de um povo é o mecanismo constituído para expelir as diferenças e cravar uma única forma de legitimar a cultura e o conhecimento.

É verdade que o artigo de Silvana Rea não chega a enveredar pelo aprofundamento do epistemicídio ou genocídio cultural, mas a profusão de autores e autoras, o que dificulta uma leitura mais apressada, tende a dialogar em torno de vários aspectos para os quais converge uma crítica ao fascismo como regime político e ideológico. Em certo sentido, acompanhar a grande quantidade de pensadores arrolados pelo artigo não é tarefa fácil, mas notadamente o texto tenta oferecer uma topografia mais geral sobre o mundo contemporâneo em relação ao qual Pasolini já nos tinha oferecido pistas indicando as novas formas de autoritarismo.

Aqui é salutar sublinhar como a autora acerta ao fazer a conexão desse tema com a arte, especialmente com o cinema, tendo em vista apresentar uma percepção crítica do fascismo e de sua relação íntima com o capitalismo. E como pensar a formação ideológica do fascismo sem os meios de comunicação? Ora, o diálogo com a obra de Pasolini é necessário porque a imagem que esse grande diretor de cinema italiano produz, a partir do vaga-lume, é potente para explicar como as culturas periféricas são atacadas na mesma proporção em que assumem posição de resistência.

A forma com a qual o ataque é feito vale-se das redes digitais, naquilo que Silvana caracteriza como capitalismo de vigilância, que são tomadas como plataformas políticas de disseminação dos vieses fascistas, na mesma medida em que se excluem as formas de vida inscritas sobretudo nas culturas

afro-brasileiras e indígenas. Os meios de comunicação, e mesmo a própria televisão, conforme mostrava Pasolini, são responsáveis por fomentar, como dizia, as construções imagéticas que governam o imaginário social. Assim, o empreendedorismo só ganha força porque ele se impõe socialmente em todos os aparelhos ideológicos.

Nessa perspectiva, a precarização material dos subempregos – pensemos, por exemplo, nas pessoas que trabalham com aplicativos – é investida simbolicamente da condição de favorecedora dos que desejam ser empreendedores de si mesmos, e todas as novelas, filmes, propagandas, exemplos de pessoas notáveis são mobilizados para dizer que um esforço individual é capaz de transformar um indivíduo num vencedor, num mundo em que toda a classe trabalhadora é derrotada.

Alguns autores arrolados no texto de Silvana Rea figuram entre aqueles que demonstram de modo cabal que a alienação da classe trabalhadora repousa em sua falta de percepção de si mesma como classe, o que é reforçado pela ideologia do empreendedorismo, assumida por muitos. Essa ideologia junta-se a uma perspectiva autoritária, porque, para ser empreendedor de si mesmo, é necessário adotar um padrão de comportamento estranho a várias culturas, e esse padrão ganha terreno mais fortemente justamente diante da hegemonia de uma cultura fascista, que impõe a onipresença de um único modelo de vida, vendido como padrão para todas as pessoas.

Aqueles seres, raros, que não são herdeiros e ascendem socialmente são prontamente estampados como propaganda não apenas de um produto específico, mas da própria noção de que o sistema apresenta seus vencedores como aqueles que se esforçam sobremaneira para vencer. As singularidades são roubadas em nome de uma busca pelo mesmo ideal do ego, o que mostra o paradoxo do capitalismo que é propor um individualismo exacerbado, mas produzindo uma sociedade em que circulam os mesmos valores, padrões de comportamento e de corpo, na exata medida em que expulsa da vida social os que não se dedicam apenas a vencer. O capitalismo produz um discurso em favor do indivíduo, preza unicamente o indivíduo, mas espalha uma cultura de massa.

Em *Sobre losers* mostrei que o indivíduo é tomado no capitalismo contemporâneo como uma espécie de Deus, considerando que ele expressa, do ponto de vista fantasmático, onipotência, onisciência e onipresença. A onipotência está na fantasia de que o indivíduo pode tudo e que basta

empreender. Tudo é uma questão de esforço individual. A onisciência está na cobrança de que os indivíduos conheçam e planejem a sua vida de modo plenamente consciente, quando, na verdade, somos governados, como mostra a psicanálise, pelo inconsciente. A onipresença funciona pela fantasia de que os indivíduos podem estar presentes em todos os setores da existência, mantendo o pleno desempenho, como se fosse possível fazer tudo. Esses predicados, por serem divinos, são obviamente exigências inexecutáveis para os humanos. A consequência é o adoecimento. A depressão é um destino certo.

E, mais do que apenas oferecer um diagnóstico que nos deixe resignados aos limites do que poderíamos chamar de um estado de letargia ou inação, o texto evoca a esperança na forma de possíveis saídas. Caminhos que podem se abrir.

E não seria justamente “o reconhecimento das culturas populares e vanguardistas uma capacidade de resistência”? Essa pergunta feita num diálogo estrito com a obra de Pasolini põe o artigo na rota da construção necessária de formas de resistência em face do fascismo que não podem ser feitas, como pontua a autora, sem a concorrência de atuações coletivas. Talvez possamos nos perguntar sobre quais saídas políticas ou modelos poderiam ser adotados para de fato dar corpo à utopia. Isso, contudo, pode ser motivo para outra reflexão, que o artigo não necessariamente pretende tratar.

Referências

- Andrade, É. (2019). *Sobre losers: fracasso, impotência e afetos no capitalismo contemporâneo*. CRV.
- Andrade, É. (2023). *Negritude sem identidade: sobre as narrativas singulares das pessoas negras*. N-1.

Érico Andrade
ericoandrade@gmail.com

Recebido em: 26/3/2024

Aceito em: 20/4/2024